

ROBSON SÁVIO: Audiência realizada pela Comissão da Verdade em Minas Gerais. Ela é intitulada Ditadura Militar na Zona da Mata, Memórias da Repressão, Vozes da Resistência. Eu sei que a partir do segundo momento, todas e todos já estão um pouco cansados, mas a nossa combinação aqui com a Câmara Municipal é que nós faremos audiência até o meio dia. Então nós temos ainda uma hora e vamos ainda ouvir alguns dos nossos convidados, não é? Eu vou solicitar que dentro do possível, desliguem os celulares para que a gente não tenha interferência durante as falas e vou convidar aqui para dar sequência nos seus depoimentos o Francisco Carlos Lippi Pinheiro.

FRANCISCO CARLOS LIPPI PINHEIRO: Senhor coordenador, quando eu recebi o convite para estar presente aqui, eu imaginei que a dinâmica seria um depoimento que eu dei anteriormente na Comissão Municipal da Verdade, que foi através de perguntas, foi uma coisa mais detalhada, então esse depoimento que eu dei na Comissão Municipal da Verdade, está registrado. Então a respeito ao que diz ao meu pai, ele pode ser acrescentado à Comissão Estadual. Então eu vou me limitar então aqui a falar alguma coisa sobre a trajetória política do meu pai, dar alguns detalhes, não é? Mas antes então de, gostaria de iniciar fazendo algumas saudações. Vou retornar um pouco mais ao passado, anterior ao golpe para homenagear, me referir a dois representantes que nessa casa defenderam a classe trabalhadora, que foi o Vereador Lindolfo Rio e o Professor Irineu Guimarães ex-reitor do Colégio Grande, que participaram aqui na legislatura de 1946. Antes também gostaria de saudar os companheiros do meu pai aqui nessa casa e aí falo com emoção, porque conheci todos eles. Um convivi mais de perto, então gostaria de saudar Peralva de Miranda Delgado, Jaime Rem e Doutor Nery Mendonça, não é? Que esse sim eu tive mais convivência como na época era instrutor de mecânica de automóvel no SENAI e ali eu ingressei, onde fiz curso de torneiro mecânico e ali convivi com ele. Mais tarde o meu pai sempre frequentava, ele se tornou advogado. Meu pai sempre convivia com ele, ia no escritório dele, praticamente todo dia, não é? Tinha uma amizade muito grande, depois como advogado, foi advogado da nossa família. Eu também depois mais tarde, eu brevemente, me formei em direito, tive uma militânciazinha aí nessa área e pude participar da campanha dele que o elegeu Presidente da 4ª Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil em Juiz de Fora. Então a minha saudação, acho que não nenhum dos familiares dele aqui, mas eu gostaria de saudasse também os que tiveram o mandato cassado na mesma época. E uma outra lembrança, eu gostaria de me referir que também aqui, subiu nessa tribuna, mas aí já é um parente, que vamos dizer assim, substituiu o meu pai logo depois que ele foi cassado, porque nas eleições seguintes, que ocorreu para legislatura de 1966, ele foi eleito vereador, era também militante do movimento sindical

ligado aos trabalhadores dos hospitais, dos estabelecimentos de saúde que é o meu tio Jorge Afonso Pinheiro que foi também vereador nessa casa. Então é com muito orgulho que eu falo dessa tribuna, que eles muitas vezes intervirem. O meu pai ele nasceu no antigo Distrito de Juiz de Fora, que hoje é o município de Matias Barbosa, na Fazenda Santa Rosa em 30 de outubro de 1926. Se vivo fosse, completaria agora em outubro 91 anos. Na década de 40, no começo da década de 40, ele e a família vêm para Juiz de Fora e eles vão se fixar na nossa querida, antiga Cachoeirinha, que é hoje o bairro Santa Luzia, na residência que está lá até hoje, pelos meus avós na Rua Sarandira, 318. Vindo para Juiz de Fora ele entra na Companhia Mineira de Eletricidade e ali nessa Companhia ele vai fazer toda a sua carreira até aposentar. E veio a ser Presidente do Sindicato dos Eletricitários de Juiz de Fora. Chegou, participou de várias diretorias e veio a ser Presidente do Sindicato dos Eletricitários, quando também participou da direção da Federação dos Trabalhadores das Indústrias Urbanas do Brasil. E meu pai ele sempre participou das atividades comunitárias. O exemplo que ele deixou pra mim e meus irmãos é isso, participar das atividades comunitárias. Desde um bloco de carnaval, até uma Associação de Bairros, um sindicato e etc não é? Ele participou de uma coisa que não tem mais que era um rancho carnavalesco do PT, como ele falava, quem pode pode. Participou da escola de samba Turunas do Riachuelo, inclusive quando na década de 70 a escola não desfilava mais. Aí foram lá em casa, ele era Presidente do Conselho Deliberativo e voltou com a, organizou a reunião que ele fez a escola voltar, se não me engano em 1972 já com a presidência do ex-vereador Luís Cefali. Participou da Sociedade para Melhoramentos do Bairro de Santa Luzia, foi um dos seus fundadores e também liderou, ele era militante da antiga Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, né? Que também o Professor Peralva Delgado participava também, foi professor da SENEC, antiga SENEG, depois se transformou em SENEC. E nessa militância ele liderou a construção do setor local da SENEC no bairro de Santa Luzia, que é o colégio Professor Osvaldo Veloso, hoje uma Escola Municipal, foi depois encampada pela Prefeitura. Então hoje é uma Escola Municipal e em pleno funcionamento até hoje não é? Então em decorrências dessa sua militância comunitária e sindical, ele vem a ser eleito vereador pelo antigo Partido Trabalhista Brasileiro, que, ah e fez parte da maior bancada na época, o PTB era a maior bancada de vereadores na casa. Eram quatro vereadores do Partido Trabalhista Brasileiro, todos eles ligados ao movimento popular e sindical. Como o professor Peralva Miranda Delgado era ligado aos movimentos dos professores. O Professor Nety Mendonça ele era instrutor do SENAI, mecânica de automóveis. Jair Ren era ligado ao sindicato dos tecelões, presidente do sindicato dos tecelões, meu pai Francisco Afonso Pinheiro sindicato dos eletricitários. Então ele conquista esse

mandato aqui na Câmara Municipal e tem essa sua trajetória terminada, teve seu mandato tirado bem arbitrariamente pelo golpe de estado em 31 de março de 1964. Eu acho que provavelmente ele deve ter sido um dos primeiros a serem detidos, talvez aí no Brasil, talvez juntamente com seu Misael Disco Reis, porque o que me vem a memória, que eles acorda cedo em 31 de março, sai para trabalhar, vai pro serviço normalmente na Companhia Mineira e não retorna mais pra casa. Aí ficou muito tempo detido. E aí então, ele relata depois que estava numa das ruas da cidade fazendo manutenção num poste, e aí chega alguns policiais pede a ele pra descer, que que é, tem que compara na delegacia, etc., aí fica detido, não retornou mais a nossa residência durante um bom tempo. E lá detido ele tem o mandato cassado, porque o general Moron Filho pede que a Câmara casse o mandato dos quatro. Na realidade pediu de cinco. Do outro era o Nilton Viana, se não me falhe a memória. Mas Nilton Viana não foi cassado, aliás na sessão que teve a cassação dos mandatos, o único presente foi o Nilton Viana, estava presente porque os outros quatro estavam detidos, tavam presos. E esse processo de cassação, por tantos transcorreu a pedido do general Moron Filho, as Atas da casa registram isso e não tiveram nenhum direito de defesa, saiu a resolução e cassou o mandato dos quatro. Foi poupado apenas o mandato do Nilton Viana. Então tendo o mandato cassado ficou detido, né? Ocorreu umas coisas engraçadas, até sempre que eu posso, eu refiro isso, tremenda paranoia que existia no momento. Naquele momento, o meu pai era asmático, uma asma daquelas. Nesse período aí então que ocorre mudança de estação do outono para o inverno, aquilo era um Deus nos acuda. E ele usava, hoje não existe mais, tratamento hoje é Aerolin e essas coisas, era uma bombinha de borracha. A pessoa preparava o remédio e usava aquela medicação. Aí ele detido (ininteligível) vem uma crise e começa a falar que queria uma bomba, ele não consegue nem respirar direito. Aí chega uma guarnição da polícia do exército na nossa casa, na Rua Chácara, 251, fecha a casa e metralhadora, uma confusão danada e jipe e invade a casa, PE a gente chamava de PE, e revira tudo, procura da tal bomba (risos). Minha mãe uma hora dessa, a única bomba eu tem aqui é essa bomba de bronquite que tá aqui dentro de casa. Mas depois da casa ter sido revirada pra baixo e pra cima, pensava que era uma bomba não essa pra asma e etc. Então a paranoia era tanta, que essa história virou até uma coisa do folclore político nacional. O Jornal Folha de São Paulo tinha... eu lembro que li essa notícia dessa bomba do bronquite do Vereador Francisco Afonso Pinheiro. Então eu gostaria de encerrar, eu só fiz essa breve passagem, um depoimento com mais consistência já está na Comissão Municipal de Verdade. Encerrar dizendo o seguinte. Eu sou vovô e papai ao mesmo tempo, tenho duas filhas, fizeram agora 14 anos de idade, então eu já tô com meus 60 e lá vai pedrada, como diz o samba do nosso conterrâneo Noite ilustrada,

nos momentos de fazer bobagem, tradicional samba que ele fala que já tem 58 anos, ela só 16, ela no seu querido sonhador e ele na história de fazer bobagem. Então sou vovô e papai ao mesmo tempo. Então de uns tempos pra cá, com essas... nos 40 anos do golpe e essa Comissão da Verdade, certo, chamando pra... enfim, me perguntaram lá um dia, mas papai o que é essa história, o vovô foi preso, o que que é isso, era um bandido, eu lembro que virei pra ela e não minha filha, não se trata nada disso. Vovô não cometeu crime nenhum, ele participava das lutas da classe trabalhadora naquele momento. Então cometeu crimes por ter feito a greve pelo aumento dos 100% do salário mínimo na década de 50 e depois veio a se tornar presidente. O Ministro do Trabalho sanciona aquele aumento, ele participou daquele movimento. Ele lutou para que tivesse na classe trabalhadora, pudesse ter seu salário, que vem em 62 e fui explicando. Então o crime dele foi esse, lutar pelos direitos dos trabalhadores, dei esse exemplo, explicando o que era o salário mínimo e o que é o 13º salário e etc., que hoje tão querendo tirar da classe trabalhadora. Então foi esse crime. Se ele cometeu crime, foi esse. Vovô não invadiu domicílio de ninguém, sem ordem judicial. O vovô não sequestrou ninguém, não estuprou ninguém, não torturou ninguém, não matou ninguém. Os que o prenderam era os que cometeram esse tipo de crime. E é isso que a gente espera que não ocorra nunca mais. Muito obrigado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Muito obrigado, né, Francisco Carlos Pinheiro por esse importante depoimento. Eu gostaria aqui de fazer dois registros, o Secretário Nilmar já fez menção à companheira Gilse Consesa, que faleceu a mais ou menos uns 10 dias, né, esteve aqui, foi muito importante. Muitos aqui fazem questão de fazer esse registro em memória dela e o conselheiro Jurandir Persequini, ele também pede pra fazer uma referência ao ex-prefeito Tarcísio Delgado, que foi o advogado dos mineiros da Morro Velho, considerado o maior processo de perseguidos pela ditadura. Então também nosso reconhecimento ao ex-prefeito Tarcísio Delgado e a companheira Gilse Consesa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nós vamos convidar agora para seu depoimento o Ricardo Fontes Cintra. Por favor.

RICARDO FONTES: Bom, primeiro eu quero dizer o seguinte. Eu sou professor de história. Tô aposentado, mas continuo sendo professor de história. E como professor de história eu tenho uma obrigação, denunciar sempre a ditadura. Porque aqui no Brasil nós vivemos pequenos intervalos de democracia e quase sempre sobre a ditadura. Aliás, a nossa República já nasceu num golpe e diversos golpes foram sendo feitos no decorrer da nossa história. Então é muito importante denunciar todo tipo de tortura que houve na ditadura, pra evitar que isso possa ocorrer

de novo. Tinham me dito para ficar no período apenas até 84, mas eu vou contar só um caso que aconteceu comigo recentemente. Estava lendo na banca de jornal as manchetes, tinha um grupo ao meu lado e um senhor me deu uma cutucada, virou e falou assim: “falam da gente, mas na nossa época não acontecia isso”, aí eu olhei pro cara e falei assim: “ realmente não acontecia sair num jornal, né?” Porque vocês fecharam jornais, como fecharam Correio da Manhã, fecharam A última hora, como baniam o Jornal do Brasil, e a gente as vezes era obrigado a ler na primeira página receita de bolo, porque a notícia mesmo estaria censurada. Então por pior que esteja a situação agora, é melhor a liberdade de imprensa, mesmo que essa imprensa de vez em quando tenda pra um lado. Mas de qualquer maneira nós podemos saber o que está acontecendo. Agora vou começar o meu depoimento, eu já disse, como professor de história, porque eu comecei a dar aula desde o primeiro ano da faculdade aqui. Eu morei um tempo no Rio antes e voltei quando fiz vestibular, então em 67, aqui na faculdade, mas já dando aula nos colégios da comunidade e fui candidato à vice numa chapa derrotada do diretório acadêmico da faculdade e a partir daí eu passei ser mais visado um pouco. Eu fui delegado da UNE do Congresso de Ibiúna e foi um congresso muito mal preparado, tanto que eles fizeram ponto na estrada, nunca vi isso, mas tinha um ponto que era na Fernão Dias. E quando eu desci na Fernão Dias no tal ponto, já tinham diversos companheiros lá e um fazendo discurso, denunciando a situação. Aí eu disse assim: ‘mas você tá denunciando pra quem? Você tá denunciando pra todo mundo que tá na mesma situação que você, se nós continuarmos aqui na estrada, nós vamos ser presos’. Isso aconteceu depois, mas pelo menos nós saímos da estrada, eu tive várias tentativas até conseguir entrar no congresso de Ibiúna, quer dizer, se eu soubesse não teria insistido tanto pra ser preso, né? Mas eu cheguei aí a Campinas onde eu tinha um ponto e conseguimos entrar no tal congresso. Mas pra entrar no tal congresso, ele primeiro levaram a gente pra um sítio, botaram capuz na cabeça da gente que depois eu usei muito esse capuz quando fui torturado. E o cara falou com a gente, “ quem sai fora daqui, quem fizer isso, quem fizer aquilo a gente tem ordem de atirar, alguém tem alguma pergunta? Eu disse: quando a repressão vem salvar a gente?” Quer dizer, que já virou gozação a maneira como foi organizada esse congresso. Mas, tirando isso, no congresso de Ibiúna eu fiquei preso por pouco tempo, preso em Tiradentes. Antes eles levaram a gente na cidade de Piracicaba, juntaram a gente numa praça e juntar na praça, eles queriam fazer propaganda da ditadura. Mas acabou funcionando ao contrário, que a população penalizada começou a levar alimentos, lanche, água e aí imediatamente eles recolheram a gente no caminhão e levaram pro presídio de Tiradentes. Bom mas isso é uma passagem rápida. Mas logo depois nós começamos a organizar o que nós chamamos de mini congresso da UNE. Pontos em

que encontravam determinados grupos, pra gente fazer um mini congresso. E num desses pontos um sítio em Cachoeira de Macacu, o companheiro Gildo Lacerda entrou pra dizer que o aparelho, que era o termo que a gente usava na época, tinha caído e que a gente precisava fugir. E combinamos de fugir de dois em dois, e eu saí com o Gildo, nós andamos de Cachoeira de Macacu até a rodoviária de Friburgo pelo meio do mato. E chegando lá nós combinamos o seguinte. “Olha, você é muito mais visado que eu, então você vai pra Niterói e eu vou pro Rio”, e marcamos um ponto na Rua Farani. Eu encontrei com ele na Rua Farani, tava tudo bem, mas logo depois fiquei sabendo a notícia de que ele tinha sido assassinado em Recife. Logo depois não, bem depois. Mas foi a última vez que vi o Gildo vivo. E o Gildo eu mantive ele aqui em casa por muito tempo, diversos outros companheiros, nós costumávamos levar lá pra casa pra ficar mais protegido. E passando agora, a pouco tempo por uma rua do Recreio eu vi que o Gildo se tornou nome de rua. Quer dizer, foi assassinado pela ditadura. Aliás, Gilca Machado também é nome de rua lá no Recreio. E isso me deu uma emoção muito grande. Mas vamos voltar então aqui ao meu depoimento. Depois desses mini congressos a ação popular tirou uma posição que eu deveria ser candidato ao diretório acadêmico, não para ganhar, mas para denunciar todos os tipos de abusos da ditadura. E nós já tínhamos passado pelo ato sonoro número cinco. Então o risco era muito maior. Eu entrei de sala em sala fazendo essas denúncias todas. E eu acho que aí, eles supervalorizaram a minha pessoa como se eu tivesse muita importância, que eu nunca realmente tive. Na verdade eu não sei nem atirar, mas a partir daí por qualquer coisa eu era preso. A esposa do Rene, a Regina, ela me via no jipinho do Dops, ela falava que o jipinho do Dops era táxi pra mim. Mas, quer dizer... Uber, né? A partir daí qualquer coisa que acontecia eu era preso. E uma vez eu tinha um ponto pra cobrir na Praça San Espiando, eu senti que estava sendo seguido, aliás, eles eram poucos discretos, andavam de terno e lendo jornal, né? E eu senti que estava sendo seguido e entrei no Maracanã. E do Maracanã na hora que o cara distraiu um pouco, eu saí pelo lado da UERJ, foi cobrir um ponto na Praça San Espiando. Segunda feira de manhã eles foram na faculdade, prenderam meu irmão. Que eles tavam procurando um Cintra, né? E começaram a interrogar meu irmão e meu irmão negando que te no Rio e, “é, daqui a pouco vai falar que não foi preso em Ibiúna”, mas ele disse, “mas eu não fui preso em Ibiúna”. Aí quando eles soltaram meu irmão, meu irmão teve um jeito de se comunicar comigo e eu desapareci alguns dias, né? A partir daí qualquer coisa que acontecia eles me prendiam. Aí quando descobriram que o Gabeira tinha participado do sequestro do Embaixador Americano, foram lá em casa me buscar. E aí perguntaram se eu conhecia o Gabeira, eu fui criado no Vitoriano Braga, como o Gabriel falou aqui, então eu falei, eu conheço o Gabeira, eu conheci o

Gabeira como moleque de rua. E como algumas atuações das (ininteligível) assim, na greve de bonde, essas coisas, né? Mas falei que conhecia como moleque de rua, joguei bola junto com ele e tal. E o cara falou assim: “olha, não adianta você ficar enrolando a gente não, que nós temos retratos seu com o Gabeira, tirada a oito dias atrás”. Aí eu ri, aí o cara falou assim: “você tá rindo de quê?”. Eu falei: “se vocês tivessem condições de tirar um retrato do Gabeira à oito dias atrás, em vez de dar um clic da máquina, vocês puxariam um gatilho, ou então na melhor das hipóteses, prenderiam o cara e o Gabeira, então isso não aconteceu”. E aí, passou isso. Em 71 eu tava pra formar na faculdade, mas eu já dava aula em diversos cursinhos pré-vestibular. E aí eu pedi uma licença na organização, porque eu precisava terminar de qualquer maneira. Eu já tinha perdido um ano quando fui preso em Ibiúna. E eu tava no cinema, naquele tempo a gente ainda ia no cinema, no Excelsior. Na época eu com a minha noiva, depois minha esposa e sentou um companheiro do meu lado, virou e falou assim: “olha, O Paulinho, Dominginho, foram cirando as pessoas que estavam presas e eles estão te procurando, é melhor você dá um jeito”. Aí já falei pra minha esposa o seguinte. Olha, nós moramos no mesmo bairro, mas não vamos junto, você vai sentar atrás no ônibus, se acontecer alguma coisa você fica sabendo. E eu segui fui pra casa, mas não aconteceu nada. Aquilo era uma sexta feira ou sábado, não sei. Mas na segunda feira, quando eu entro pra dar aula no curso Zais, chegou uma porção de gente... uns oficiais com metralhadora e tal e dizendo que eu tava sendo convidado a ir, porque ia depor. Como eu já sabia naquela época... porque o que acontecia? As pessoas que eram presas na rua sem ninguém tomar conhecimento... falei, “vou sim, amanhã que hora?” e subi correndo entrei no meio da sala. Aí eles subiram atrás de mim. “Não isso é agora”, eu falei, “ô gente, eu tô sendo levado, segundo eles pra depor no QG, mas tá todo mundo sabendo que eu estou sendo preso”. Bom, o QG eu passei uma noite lá dormindo e pela manhã eles me botaram numa viatura, no chão da viatura no lado de trás e pisando, botando os pés por cima de mim. E, eu reclamei, eles falaram: “tá reclamando de quê?, Por enquanto é só isso”. E deram a volta e entraram por trás do QG, que depois eu vim a saber que era um lugar de tortura aqui em Juiz de Fora, que era entrada por trás no museu. Quando foi mais ou menos umas... eles me deixaram numa sala e lá dava um livro grande assim, com os prisioneiros do Congresso de Ibiúna. Eles que eu vou lá ver. Quem foi preso eu já sei, alguns eu nem conheço. Então eu continuei sentado, até que chegou um oficial, é a única pessoa que eu vi, mas ele, eu não sei o nome dele. Ele tinha os olhos verdes e tinha um sotaque bem gaúcho e começou a me fazer perguntas e eu, a única coisa que eu falava, “que partido é esse cara? Eu disse assim: Olha eu acho que ele é do MDB”. E como eu não falava nada, ele amealhou, falou: “olha, você tá aqui, nós estamos te tratando educadamente, mas você

pode para no Dops de Belo Horizonte, lá as coisas não vão ser assim”. Eu como eu tava lendo Terras sem fim do Jorge Amado, eu citei o preto Cosme, que fala que depois que ele descobre que ele matava pelo patrão, né, que é muito pior o que manda do que o que faz. Aí eu sei que ele ficou vermelhão, deu um soco na mesa, virou e falou assim: “bom, você vai pros que fazem”. Me algemaram, me jogaram num camburão. Eu fui picando até Belo Horizonte, porque vocês imaginam, algemado pra trás, sentado no camburão, viajar daqui até Belo Horizonte o que que aconteceria. Bom, chegando em Belo Horizonte, perguntaram meu nome e parece que eu disse um palavrão. Eu levei chute, soco, pontapés de todos os lados, até parar caído numa sala. Passou um tempo, veio um cara lá virou e falou assim: “você é um canalha mesmo, você esqueceu de devolver as algemas”, como se eu pudesse devolver as algemas, né? Tiraram as minhas algemas, entregaram pro cara que foi lá me levar e me fizeram algumas perguntas, algumas sem nexos. Aí eu passei pela primeira experiência desagradável. Um cara queimou meu bigode com cigarro aceso. Foi queimando, falou que ia fazer porque meu bigode tava muito grande. Daí me levaram pra uma prisão numa favela e só traziam na época de ser torturado. Quando eu escrevi o primeiro depoimento na Comissão da Verdade, eu cheguei a dizer o seguinte. Quando eu ouvia barulho de carro parando na porta lá dessa prisão eu já torcia pra ir outro e não ser eu. E depois dor de consciência de ver um companheiro indo embora sabendo o que ele ia passar. Mas eu não sei porque, eu acho que eles acharam, por causa dos meus... da minha participação como candidato, denunciando por tortura, por prisão, esse negócio todo. Eles supervalorizaram a minha pessoa. Então os companheiros que tavam do lado não tiveram o mesmo tratamento que eu. Me tiraram tudo, dinheiro, tudo. Eles podiam mandar comprar comida, eu não podia. Era só quentinha que vinha de Neves e que de vez em quando não vinha. E depois começaram a molhar minha cela pra mim não poder nem sentar no chão durante o dia. Eu passei em Belo Horizonte uns 21 dias, 22, sendo torturado de vez em quando. Sempre à noite. Na última vez, me levaram uma tarde, era domingo. E acho que o Atlético Mineiro era campeão, e o jogo era contra o Botafogo, eu sou Botafogo. Mas o cara que tava me torturando foi chamado pra ver o jogo, aí ele virou pra mim e falou assim: “garoto, então se meu galo for campeão eu trago bife com batata frita pra você”. E eu não levei aquilo a sério, porque tinha levado tanta pancada, como eu tinha. Daqui a pouco aparece o cara lá, pulando e com o bife com batata frita. E me abraçando e eu assim todo sem jeito, né? E falou assim: “ô garotão, já terminou meu expediente, agora eu tô te oferecendo isso que eu prometi”. Aí eu vi que até a tortura era burocrática. Acabou o horário ele não precisava mais me torturar. Agora algumas das perguntas que eles me fizeram em Belo Horizonte era de que eu escrevesse que o Afonsini, foi jogador do Botafogo, tinha vindo aqui em

Juiz de Fora fazer trabalhos políticos e tinha reunido com a gente. Olha, se o Afonsini veio eu não sei. Mas eles já me entregaram o texto escrito pra mim assinar e eu recusei. Então quer dizer, eu não troco lâmpada lá em casa de tanto choque que eu levei. Eu tenho trauma até hoje. Porque não é um choque normal, eles vão rodando aquela manivela, você vai... então é um negócio assim, suportável. E outra coisa também é o telefone, eles colocavam capuz, mas batiam. Eu tive descolamento de retina e eu acho que foi por causa disso, foi de tanta pancada que eu levei dos dois lados, né? Acabou afetando minha vista. Eu hoje tenho glaucoma, eu já operei uma porção de vezes e em parte eu repudo isso à... mas também não posso comprovar que foi por causa disso. Eu sei é o seguinte. Eu, lá em casa eu não troco lâmpada em hipótese alguma, eu tenho pavor terrível de levar choque. E tinha uma música que eu não aguentava, eu corria pro banheiro quando tocava, se eu tivesse em algum local, a música é americana, Can't Take My Eyes Off You. Porque eu ouvia ela no último furo, eu ouvia gritos. E pra mim era as meninas que estavam sendo torturadas, né? Pode ser que não fosse. Podia ser até só pra me assustar. Mas até bem pouco tempo, quando eu tava em qualquer baile, em qualquer festa, começava a tocar essa música eu corria pro banheiro. E a minha esposa ficava assim: "o que que houve? Não depois eu te conto". Quer dizer, a tortura tem que ser denunciada sempre Outra coisa, um dos últimos depoimentos que eu fiz, que eu fiz uns três ou quatro depoimentos, um cara passou a mão e pegou meu microfone primeiro e falou que ele ia falar primeiro. E se apresentou do partido dos militares, aí falou uma porção de asneira. Quando ele veio me devolver o microfone e ir embora eu falei: "ô companheiro, naquela época vocês gritavam e a gente tinha que ouvir, agora você viu como é que todo mundo te ouviu em silêncio, educadamente, e você tomou o microfone da minha mão e eu te ouvi, então agora eu quero que pelo menos você... porque você mudou meu depoimento, então você vai ter que me ouvir também". Aí virei pra ele e falei assim: "olha, eu não entendo partido militar, porque militar pra mim é profissão, já pensou agora a gente ter o Partido dos Lixeiros, eu não tô querendo humilhar lixeiro, mas Partido dos Professores, Partido dos Doutores, que dizer, vai virar uma bagunça maior do que o que já tá na nossa política. E outra coisa que eu gostaria que você disse pro seu partido militar lá, é que vocês vivem escrevendo pra jornal pedindo tratamento igual, fala pra eles que é impossível, que nós somos seres humanos. Nós não vamos desaparecer com corpo de ninguém, nós não vamos dar choque nem queimar bigode de ninguém, nós não vamos ter mães desesperadas querendo pelo menos enterrar seus filhos e agora se você quiser sair, pode sair, porque eu vou começar o meu depoimento". Então eu acho que já ultrapassei os limites. Obrigado por mais essa oportunidade. E eu continuo dizendo, agente tem que denunciar sempre a tortura. Uma coisa que eu disse num dos

depoimentos, que pra mim pouco importa se a gente vai prender torturador. Porque pra mim eles já tão velhos e caquéticos. Mas eu gostaria que eles tivessem a coragem de dizer pros filhos deles o que eu posso dizer pros meus. O que eu não tenho vergonha da minha história.

RICARDO FONTES: E eu duvido que eles possam dizer o que eles fizeram. Obrigado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Muito obrigado Professor Ricardo Fontes Cintra. Eu vou convidar então pra prestar seu depoimento o Vanderli Pereira Pinheiro.

VANDERLI PEREIRA PINHEIRO: Bom dia coordenador, todo pessoal presente. Eu acho assim, eu vou falar de uma realidade um pouco diferente, porque quem vai falar de meio rural e principalmente da cidade do interior, pequenas cidades no nosso estado e com a realidade um pouco diferente de cada região, de cada estado. Eu sou de Tombos, meu nome é Vanderli, eu agradeço o convite de tá aqui. Falar um pouco da realidade dos trabalhadores rurais, da situação que vivemos, da década a partir de 70, 60 e que na verdade me recorde algumas coisas no meio rural na nossa região. É a partir da década de 70 e tem três coisas na vida que me marcou, que eu ingressei. A primeira coisa foi a participação na Sevs, começando em 1970. Na década de 80 no momento sindical e depois participar de algumas ações políticas, que eu fui vereador por três mandatos na minha cidade. E a cidade do interior no meio rural, pequena cidade tem uma realidade um pouco diferente do que a gente viu, tem a cidade como a de Juiz de Fora, outra cidade maior. E que tem aí as Universidades, os professores, as grandes empresas e pequenas empresas também, mas pessoas mais engessado. E nós no meio rural, e nós principalmente vivemos a tortura da desinformação. Porque na verdade, nenhum de nós nas pequenas cidades tivemos oportunidade, até aí na década de 80, 90 de estudar. Apenas quando chegava numa 4ª série. Então essa desinformação para o meio rural não levava a ter uma ação, um empenho, como muitos depoimentos aqui que a gente viu que é importante que o conhecimento leva se ingressar e tomar posições, que as vezes incomoda alguns setores da sociedade. Então nós quando começamos na década de 70, no nome da Sevs, nas fazendas e todas pequenas cidades, não todas iguais, mas ela tem o domínio dos coronéis, daqueles que mandam. Quem tinha oportunidade de estudar, era o filho daquele que tinha o poder, tinha o dinheiro, que poderia vir numa universidade. Até quando falaram numa universidade pra nós no meio rural lá no interior, a gente achava que era uma coisa muito distante. E com a participação da Sevs, dos movimentos, foi levando a nos conscientizar, e foi convivendo com a realidade nas fazendas, na Zona da Mata é uma região de pequena propriedade. Mas na década de 70 e de até 80, não era tão pequena propriedade. Era média propriedade de 1.500 hectares de terra, 2.000 hectares de

terra, ainda tinha bastante. Mas não na cidade, pelo menos oito propriedade, ela tomava conta de 80% das propriedades. Cidade de 1.500 hectares de terra e 1.000 a 1.500 hectares de terra. E nessas propriedades...

